

A lei da Reserva de Mercado – A Corrida dos Clones

Uma das principais mudanças que ocorreram no Brasil durante o Regime Militar foi o protecionismo, devido a Lei de Reserva de Mercado. Onde não era possível realizar compra e/ou venda de produtos eletrônicos em solo brasileiro.

É perceptível, não só por mim, que tal situação nos trouxeram alguns atrasos e relação a lançamentos de fora.

Porém, foi graças a tal situação que empresas nacionais puderam se aventurar e crescer nesse ramo, pois não havia a necessidade de “lutar” contra empresas estrangeiras, devido a “falta” de concorrência.

Dentre as empresas nacionais, foram elas as principais no ramo da tecnologia: CEE, Gradiente, Itautec, MicroDigital e Prológica;

Tal ramo cresceu devido a utilização das máquinas pararem de ser apenas para Serviço Militar e Universidades, dando início ao uso doméstico, para execução de tarefas simples.

Então, em 1980 começa a “Corrida dos Clones”, como empresas estrangeiras não podiam entrar no mercado brasileiro, e as novas necessidades que iam surgindo foi preciso utilizar a Engenharia Reversa para “acompanhar” certos avanços.

Acredito que essa situação pode ter ajudado muito o Brasil crescer como uma Nação independente e ajudar a uma possível auto aceitação de provedor de equipamentos tech. Porém, isso não poderia ser considerado como o início de um monopólio? Assim como ocorre na Coreia do Norte, onde tudo é fiscalizado e por sua vez, traz alguns atrasos não somente na tecnologia?

Porém, se formos analisar os dias atuais, de Pandemia, onde estimular a compra e venda para micro empresas pode ser de uma valia inestimável, tanto para as famílias que sobrevivem diretamente através disso, como crescimento econômico.

Em 1981, a Prológica lança seu primeiro microcomputador, iniciando assim a referida anteriormente “Corrida dos Clones”. E, não parou por aí, teve o CP500 que era clone do TRS-8.

Em 1985 se tornou a terceira maior empresa brasileira de informática, e os clones não pararam de ocorrer.

Foi então que na entrada do Fernando Collor na presidência que o sonho começou a se tornar pesadelo, pois a “Lei da Reserva de Mercado” começava a ser flexibilizada. E não só a Prológica, como a Microdigital, com seus produtos que chegaram a ser 60% do mercado de microcomputadores no Brasil começaram a ter uma concorrência massiva das empresas estrangeiras, que até então servia como fonte para a engenharia reversa.

Não muito tempo depois, essas empresas não suportaram tal “ataque” e deixaram de existir como provedora de material/produto e somente lembrada historicamente.

Com os relatos a cima comentados, percebo que esse bloqueio de comercio exterior foi muito importante para dar o ponta pé inicial em muitas empresas. Mas, com essa questão de engenharia reversa, muitas empresas foram processadas por copiar escancaradamente seus produtos. E ai ocorre outro questionamento? Deveríamos nos tornar uma potência nacional por inovação de produtos ou uma simples cópia? Atualmente, com as redes sociais, é uma tarefa muito complicada conseguir inovar e ficar no mercado de maneira competitiva. Porém, é graças a essa concorrência que estimula a muitos a fornecer uma melhor qualidade de produto e novidades.

Se pensarmos em empresas como a Itautec, que ainda existe no mercado, me pergunto como algumas empresas se mantiveram e outras não? Investimento estrangeiro, produtos inovadores, copias melhoradas com potencial de concorrência? Todos esses pontos podem ser relacionados a uma partida de xadrez, são fundamentais para saber quem “joga conforme a música” ou quem joga prevendo os passos do oponente, sempre estando um passo a frente e preparado para dar o Xeque-Mate.